

ENTREVISTA COM MESTRE ROXINHO¹: O SEGREDO DA CAPOEIRA DE ANGOLA E A RODA DA VIDA

Flávia Regina Dorneles Ramos (UFRJ)²

RESUMO: Entrevista com Edielson da Silva Miranda³, conhecido como Mestre Roxinho, é praticante de Capoeira há 41 anos. Em 1998, fundou o Instituto Cultural Bantu, em Salvador, na Bahia - uma organização não governamental sem fins lucrativos, onde desenvolveu métodos para a utilização da Capoeira Angola como instrumento socioeducativo. Em seu trabalho, o foco está no empoderamento e na defesa dos direitos das crianças e adolescentes em situação de risco social. Há 27 anos trabalhando com crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade, em 2016 criou o curso de capacitação “Ginga Sócioeducativa” para a formação e a capacitação de capoeiristas/educadores no Brasil e no exterior. É uma das personalidades importantes na preservação e difusão de epistemologias da África e sua diáspora no Brasil. Nesta entrevista, revela - através de suas vivências - que a capoeira, Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade desde 2008, é e sempre foi muito mais do que uma dança ou um esporte, a capoeira é uma ciência de combate ancestral milenar fundada em valores com estratégias relacionadas aos sentidos humanos e sua espiritualidade. É uma proposta de diálogo com o mundo visível e invisível a partir do círculo, da música, do corpo, das histórias contadas e ouvidas, da ludicidade e da coletividade.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira de Angola. Ancestralidade. África na Bahia.

ABSTRACT: Interview with Edielson da Silva Miranda, known as Mestre Roxinho, has practiced Capoeira for 41 years. In 1998, he founded the Bantu Institute, in Salvador, Bahia - a non-profit non-governmental organization, where he developed methods for using Capoeira Angola as a socio-educational tool. On his work, the focus is on empowering and protecting the rights of children and adolescents at social risk. For 27 years working with children and adolescents in situations of risk and vulnerability, in 2016 he designed the training course “Ginga Sócio-Educativa” to train and capacitate capoeiristas/educators in Brazil and abroad. He is one of the important personalities in the preservation and diffusion of the epistemologies of Africa and its diaspora in Brazil. In this interview, he reveals - through his experiences - that capoeira, an Intangible Cultural Heritage of Humanity since 2008, is and has always been much more than a dance or a sport, capoeira is an ancient combat science founded on values with strategies related to the human senses and their spirituality.

¹ Mestre em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutoranda em Linguagem e Sociedade pela Universidade do Oeste do Paraná - Campus Cascavel. E-mail: flaviadornelesramos@gmail.com.

² Edielson da Silva Miranda – Instituto Cultural Bantu. Entrevista realizada durante o evento Jornadas Negras da Unioeste – Campus Foz de Iguaçu em outubro de 2020 pela professora Flávia Regina Dorneles Ramos, docente do curso de Letras nessa universidade na ocasião. Em: https://www.youtube.com/watch?v=LZ3cgig5vvg&list=PLOFhgL60Dx7HtZZEtTCigEWtLDogngJvO&index=4&ab_channel=UnioesteCampFoz.

³ Edielson da Silva Miranda é consultor de educadores sociais em diversos países da América do Sul, em algumas regiões dos Estados Unidos e países da Europa. Formou-se em Serviço Comunitário pelo TAFE NSW, na Austrália em 2013. Na ocasião desta entrevista, estava cursando o bacharelado em Ciências Sociais e fazendo uma especialização em Desenvolvimento Social e Comunitário pela Charles Sturt University, também na Austrália. Em 1998, fundou o Instituto Bantu, em Salvador, na Bahia - uma organização não governamental sem fins lucrativos, onde desenvolveu métodos para a utilização da Capoeira Angola como instrumento socioeducativo. É idealizador e coordenador do Simpósio Internacional de Capoeira Ginga Socioeducativa; idealizador do projeto de formação de jovens educadores e lideranças comunitárias - Youth Leadership (Brasil, Austrália e Filipinas) e idealizador do Seminário on-line Ginga Socioeducativa.

It is a proposal for dialogue with the visible and invisible world from the circle, music, body, stories told and heard, playfulness and collectivity.

KEYWORDS: Capoeira from Angola. ancestry. Africa in Bahia.



Mestre Roxinho⁴

ENTREVISTADORA FLÁVIA DORNELES: Um Mestre de capoeira é antes de tudo um guardião da nossa memória ancestral africana, é um protetor dos saberes e fazeres da África e sua diáspora no Brasil, é aquele cujo título é uma herança e um reconhecimento da comunidade. Muito difícil que isso aconteça antes que esse sujeito tenha uma experiência de várias décadas. Como o menino preto Edielson da Silva Miranda se tornou o respeitado Mestre Roxinho? E para o Mestre Roxinho o que é a capoeira? Como devemos entendê-la?

ENTREVISTADO MESTRE ROXINHO (MR): Obrigada, mais uma vez. Um prazer estar aqui com vocês para essa troca, que é de fato uma troca. A capoeira que eu acredito é uma capoeira que dialoga com a vida e com todos os contextos da vida: no beber da água, no comer da comida, no se sentar, no se levantar, no girar no atravessar a rua, no virar uma esquina... É uma capoeira que cumprimenta na chegada e cumprimenta na saída. Uma capoeira que diz: hoje tem e amanhã não. E questiona por que hoje tem e amanhã não tem. Uma capoeira que dialoga com a vida a partir da musicalidade que é uma das bases da capoeira. É a música que traduz todo pensamento para o corpo. Agora eu vou fazer dois cantos que eu gosto muito de fazer nas minhas aulas com os jovens. Um canto de chegada e um de reflexão: Camungerê! Como tá, como tá? Camungerê! Como vai vosmecê? Camungerê! Eu vou bem de saúde. Camungerê! Para mim um prazer (berimbau e voz).

Esse canto é um canto de cumprimento. Quando o capoeirista chega na roda, encontra o seu companheiro e se apertam as mãos. “Camungerê!” que é uma forma de chamar o amigo, um apelido para o momento. “Como vai vosmecê?” “Eu vou bem de saúde?” “Camungerê! Para mim um prazer” E esse coro que se chama *quadra* é revezado entre os dois capoeiristas antes do gesto de reverência ao “pé do *berimbau*” que é o local onde tudo se inicia. É o primeiro passo do ritual. A capoeira é, então, um ritual de reflexão, de diálogo com a vida. Nesse primeiro

⁴ Imagem cedida pelo Projeto Bantu.

momento, o capoeirista já inicia um diálogo mental com o outro capoeirista, valorizando e respeitando sua presença. E ele deve, de fato, perguntar ao outro se ele está bem ou não. E esse diálogo que começa no canto, ele se traduz no corpo e a partir daí o capoeirista vai para o jogo de forma diferente. A Capoeira de Angola traz muito isso como princípio básico: uma linguagem corporal e musical de respeito ao outro, esse olhar para o como você chega e da importância que o outro tem. Um aprendizado muito importante para os jovens que muitas vezes não entende muito sobre a importância de como se chega e sobre a importância do outro. Então, eu aqui, ao chegar, estou lhe cumprimentando, Flávia, com esse canto e agradecendo mais uma vez pelo convite. Como você já disse ao me apresentar, eu início capoeira no final dos anos 70, início da década de 80 através do Mestre Virgílio da Fazenda Grande -a quem aproveito para pedir licença, é meu mais velho que ainda se encontra vivo- o meu Mestre. E peço licença aos meus ancestrais, aos nossos ancestrais para que me tragam discernimento para que eu possa discorrer da melhor forma possível sobre o pensamento da Capoeira Angola. Eu quando inicio Capoeira de Angola, eu já começo nesse pensamento, nesse entendimento que se trata de uma arte para o desenvolvimento humano, mas numa linguagem muito local do Mestre Virgílio, do tempo dele, do tempo do mais velho. E ele não me dizia nada, mas ele me dizia tudo. Eu me lembro bem quando ele me ensinou o que era o “pé do *berimbau*”, ele disse: “Você está rendendo obediência ao pé do *berimbau*” e nunca mais me disse nada. Aquilo eu gravei. E o dizer “rendendo obediência” eu entendi que ele quis dizer: “você está aqui prestando respeito, prestando homenagem aos tocadores, aos cantadores, dando importância a esse fundamento básico que é o princípio das relações circulares da Capoeira de Angola. E aquelas pessoas que estavam ali tocando aqueles instrumentos naquele momento mereciam respeito. E que eu estaria em algum momento também tocando aqueles instrumentos e, conseqüentemente, também me respeitariam. Quando eu, com o passar do tempo, fui entendendo essa dinâmica, eu pensei: “Caramba, olha que capoeira!” “Olha que negócio importante a capoeira me ensinou.” E assim eu começo a ampliar meus olhares para a musicalidade, a corporeidade... E como eu vivi um momento muito importante da Capoeira de Angola, em Salvador, época de grandes Mestres que hoje são nossos ancestrais como: Mestre Waldemar da Pero Vaz, Canjiquinha, Paulo dos Anjos, Dois de Ouro, Caiçara, Mario Bom Cabrito, Mestre Zacarias Boa Morte, Bobó, Antônio Eloi Caçarongongo, Bigodinho. ... Esses Mestres já eram idosos nessa época e eu tive a oportunidade de conviver com eles, a sorte de ter uma relação com eles. E cada um me deixou uma informação importante, um aprendizado. Sabe quando a gente pensa em plantar um pé de manga? Normalmente, a gente imagina que todas as mangas irão sair iguais, com o mesmo sabor, com o mesmo formato, mas na verdade a mangueira nos oferece uma diversidade de mangas e sabores. Tem manga que sai um pouquinho mais doce, tem manga que sai um pouquinho mais amarga, tem manga que sai maior, mais encorpada, tem manga que amadurece muito, outras que se torna “de vez” e cai, tem manga que ainda verde cai. Então, esses processos do pé de manga são similares ao meu processo na capoeira onde cada Mestre era uma manga da Capoeira de Angola na minha vida, cada Mestre com sua forma de ser, de ver o mundo, de olhar a Capoeira. No final, todos eles me deixaram algo de positivo e importante para esse meu pensar da capoeira como atividade SócioEducativa.

E hoje eu penso a capoeira como algo que reflete, de fato, os valores civilizatórios afro-brasileiros que de uma forma muito especial a professora Azoilda Loretto da Trindade⁵ nos

⁵ A professora Azoilda Loretto da Trindade participou ativamente da formação e desdobramentos da lei 10.639/03. Fala-nos muito sobre a importância de uma educação antirracista no Brasil. Um dos caminhos apresentados pela teórica para a reeducação das relações étnico-raciais em nosso país seria maior experiência com os chamados “valores civilizatórios afro-brasileiros”, marca indelével na formação do povo brasileiro

estrutura, nos apresenta como algo naturalmente embutido em todos os momentos do jogo e em todas as práticas culturais oriundas da África. Valores essenciais que são expressos através de princípios, como o princípio da circularidade que é a própria natureza da Capoeira de Angola. Então, quando eu penso num movimento e ele dialoga com aquilo que me agrada ou aquilo que agrada o outro ou a outra é como uma comida gostosa que eu como. Aquela comida que eu coloco na minha boca, que eu mastigo, saboreio e começo a perceber o que ela faz dentro de mim ao me saciar, ao me alimentar, começo a perceber a importância dessa comida para mim. E, então, há comidas que, de fato, não nos caem bem. E pensamos: “Opa, esta comida não está legal! O que faltou ou o que tem demais nela? Por que não está me fazendo bem?” Assim é na capoeira em cada movimento como um alimento para o seu corpo e para o corpo do outro e da outra. Cada movimento é uma mensagem que você envia para as pessoas através dos sentidos dela e a pessoa reage a partir desse seu movimento, do seu olhar, desse diálogo. E você consegue sentir do outro lado se está tudo bem ou se algo precisa melhorar. Um processo de reflexão e ação igual ao que vivemos no nosso dia a dia em nossas relações. E sobre isso tem um canto que diz assim: Oi, sim, sim, sim. Oi, não, não, não. Mas Hoje tem, Amanhã não Mas Hoje tem, Amanhã não. Aonde eu for eu levo Ela (são músicas simples, mas que trazem um aprendizado imenso para a gente) - *berimbau e voz*.

“Aonde eu for eu levo ela”. Eu só levo comigo aquilo que me completa, aquilo que me traz reflexões de todo contexto da minha vida. Então, na capoeira quando a gente entra no jogo, precisamos entender que aquele é o jogo daquele momento. Como dizia muito bem a *Obá Kaioyé*, nossa grande líder Mãe Stella de Oxóssi⁶: “O meu tempo é agora”⁷. Então, o jogo é esse tempo de agora. E para que esse tempo seja proveitoso, um tempo em que você constrói, em que você dialoga com o momento e absorve coisas positivas naquele momento, e coisas negativas também, porque o negativo é construtor, assim como fortalecedor, educador, é complementar. Uma energia sempre tem dois polos. Não dá para acender uma lâmpada só com positivo. Só conseguimos acender uma lâmpada com dois polos. E aí você começa a entender essa questão do “do sim e do não”, do “Hoje tem, amanhã não” e a relação do jogo com a vida, que está dentro do avaliar. Saber que -hoje eu tenho e amanhã posso não ter- me leva pensar: como eu vou atuar diante dessa realidade a partir de uma visão que seja sustentável para o amanhã. E aí é onde entra um dos valores civilizatórios afro-brasileiros que é o *cooperativismo*, a partir do avaliar, do olhar a possibilidade do não ter amanhã, eu penso também nos meus e nas minhas. Quero que os meus e as minhas tenham também. Esse cooperativismo ou comunitarismo para sustentabilidade é a Capoeira de Angola.

presente em todas as manifestações culturais com essa matriz. Possui Doutorado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005), Mestrado em Educação, com área de concentração em Psicologia da Educação pela Fundação Getúlio Vargas - RJ (1994) graduação (Licenciatura) em Pedagogia pelo Instituto Isabel (1987), graduação em Psicologia (Licenciatura, Bacharelado e Formação de Psicólogo(a)) pela Universidade Gama Filho (1982). Atuou como supervisora educacional - Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Atualmente é professora da Universidade Estácio de Sá e do Conservatório Brasileiro de Música. Coordenadora do Instituição Projeto Diálogo entre Povos e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Identidades e Alteridades: Diferenças e Desigualdades na Educação. Atuou como consultora do Canal Futura, da TVE (Programa Salto para o Futuro) e do UNICEF, Coordenadora Pedagógica do Projeto "A Cor da Cultura". Com vários livros e capítulos de livros organizados e publicados. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Currículo, Didática e Prática de Ensino e Psicologia Educacional, atuando principalmente nos seguintes temas: afrodescendência, currículo e multicultural. Informações coletadas do Lattes em 30/06/2020 <https://www.escavador.com/sobre/3308435/azoilda-loretto-da-trindade>.

⁶ CAMPOS, Vera Felicidade de Almeida. Mãe Stella de Oxóssi: perfil de uma liderança religiosa. 1a edição. Vol. 1. 1 vols. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor Ltda, 2003. Ver também: JOAQUIM, Maria Salete. O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra. Vol. 1. 1 vols. Pallas Editora, 2001.

⁷ "Meu Tempo é Agora", Maria Stella de Azevedo Santos. 1a Edição: Editora Oduduwa, São Paulo, 1991. 2a Edição: Vol.1. Salvador, BA: Assembleia Legislativa da Bahia, 2010.

A Capoeira de Angola também se traduz em um provérbio africano que diz o seguinte: “É preciso toda uma tribo para educar uma criança”. E é a todo instante a ética do cuidado, consigo e com o outro. A construção de um olhar de desejos, reflexões, de satisfação, de gratidão, de aprender a aprender, o olhar de aprender a ensinar, de ensinar a aprender. Tudo isso é muito importante na formação do ser capoeirista e do ser pessoa, do ser jovem. Importante principalmente em um mundo onde só pedem que você entregue sem troca, consuma... a capoeira é um instrumento educativo muito eficaz para transformar essa relação com o mundo. De uma relação que costuma ser linear, individualista para uma relação circular e cooperativista. Além disso, a Capoeira de Angola trata o indivíduo também como memória. E com essa memória se alimentam e se fortificam outras memórias. Essa é a teia do cooperativismo onde a Capoeira de Angola se constrói. E assim, nessa mentalidade, nasce o Instituto Bantu.

ENTREVISTADORA FLÁVIA DORNELES: Perfeito. Um privilégio muito grande ouvi-lo, Mestre. E o Instituto Cultural Bantu em foi idealizado pelo Senhor em 2006, correto? Qual a história do Instituto, Mestre? E qual é a sua importância hoje para o mundo?

ENTREVISTADO MESTRE ROXINHO (MR): O Instituto Cultural Bantu surge em Salvador nesse contexto, para que dentro dessas relações de pensamento a gente consiga, de fato, preencher lacunas, perguntas e respostas relacionadas ao “Hoje tem, Amanhã não” e com isso hoje o Instituto Bantu está na Ilha de Vera Cruz, onde eu me encontro nesse momento, está nas Filipinas, na Austrália, nos Estados Unidos... porque “Aonde eu for eu levo ela”, eu levo essa capoeira que dialoga, que eu penso como meu alimento, como a comida que eu como, que alimenta, dialoga e fortalece esse corpo ancestral, que alimenta os que comigo se relacionam e que me faz aprender a todo momento. O Instituto Bantu para mim segue o mesmo processo da semente de uma árvore que, de acordo com o seu tempo, faz todo o processo de germinação, crescimento, amadurecimento e produção de frutos. Tudo começou com o Projeto Bantu e o Instituto Bantu nada mais é do que a hora da colheita de um bom fruto. Podemos afirmar que o instituto tem uma importância significativa na vida de centenas de jovens aqui da comunidade em Vera Cruz. Nossa localização é bem dentro de uma comunidade que vive em extrema pobreza, onde as crianças não têm uma área boa de lazer e conseguem não ter nenhuma perspectiva na vida em virtude do seu próprio histórico familiar e das más influências que recebem por estarem, muitas vezes pelas ruas. Por tanto, ali somos nós por nós e juntos traçamos um caminho novo que possibilita emancipação e empoderamento. Juntamente com esses jovens e a Capoeira Angola vamos ampliando nosso campo de visão sobre todas as possibilidades na vida deles. Vou fazer agora um canto: Torpedeiro, Torpedeiro e o remador. Todos dois navegar o mar. Todos os dois: navegador. Olha o tom do navegante. É conhecer o mar. Olha o tom do angoleiro. É saber vadiar (berimbau e voz).

ENTREVISTADORA FLÁVIA DORNELES: Mestre, a prática e o estudo da Capoeira de Angola nas escolas e universidades seria um tipo de urgência hoje no Brasil para a educação antirracista? Mestre Roxinho acredita nessa possibilidade?

ENTREVISTADO MESTRE ROXINHO (MR): Eu vou lhe responder com um provérbio africano: “O eco da primeira palavra fica sempre no coração”. Então, a gente deve começar a pensar assim: a capoeira ela nasce como uma prática de resistência de um povo que luta através dessa prática contra um sistema violento e opressor. Assim, não devemos nunca utilizar no jogo a palavra adversário. Você joga com um irmão ou com uma irmã para se fortalecer. E observe bem: a escola que nós vivemos hoje tem uma estrutura de educação extremamente

eurocêntrica e com uma estrutura muito distante da estrutura das necessidades e capacidades dos nossos jovens e crianças negras. É uma escola que não dialoga com a nossa cultura e nem com a nossa realidade. Imagina, quando um criança sai de casa para ir para escola, muitas vezes, ela pode estar saindo de casa sem o café da manhã, ela pode estar saindo de casa sem ter conseguido dormir em virtude de conflitos entre os adultos da casa ou triste porque ela gostaria que estivesse em casa um pai e uma mãe, ela pode estar saindo de casa triste por ter sido ofendida física ou verbalmente, ela pode estar saindo de casa com uma série de outras questões que fazem parte da vida de uma criança preta no Brasil em virtude de todo contexto histórico. Então, ela chega na escola e o que ela encontra? Uma carteira, um caderno, uma lousa e um professor ou professora exigindo dela que ela construa algo, ou aprenda algo, ou responda questões que não fazem sentido diante de sua realidade. Daí, quando você coloca uma Capoeira de Angola dentro da escola, você coloca um elemento fortalecedor para esse jovem, para ajudá-lo a dialogar com sua realidade e assim aprender a dialogar com essa outra realidade que é esse formato de escola que não contempla.

A música é fundamental nesse processo. A musicalidade pode ser aplicada de diversas formas: você pode fazer o instrumento com a boca, tocar o berimbau com a boca, aprender a tocar o berimbau com o corpo, aprender a tocar o pandeiro, o atabaque, o agogô, aprender a letra de uma música e cantá-la e cantar é cantar; cantar é libertador. Então você prepara a criança para esse longo desafio que é essa carteira, que é esse quadrado e esse formato de educação que não é a realidade dele que vem de uma comunidade sem a menor estrutura social. Então, ele precisa de alimento. Não apenas do alimento comida. A musicalidade na capoeira é também alimento: mental, físico e espiritual. A musicalidade traz esses três pontos que funcionam como resgate dele mesmo. E, então, ela se alegra porque aprende que ele é capaz, que será questionado... Aprender a tocar um instrumento é extremamente positivo para autoestima dessa criança. A construção do saber fazer, transforma. Logo, se a escola inclui a capoeira ela precisa ser incluída dessa forma. Uma capoeira que dialogue com essas necessidades que tem a criança. Não se inicia com movimentos físicos como se fosse uma Educação Física. A música é elemental, da mesma forma como você coloca o sal em uma comida e vai dialogando com o sabor ou lenha na fogueira para que o fogo alcance o ponto certo. Somente depois, e a partir da música, vem o movimento do corpo. E quando você chega no corpo, essa mente e esse corpo espiritual deve estar preparado para receber o movimento. Então, você deixa de exigir da criança o que ela não tem e pede para ela mostrar o que está aprendendo com a música. E ela vai dialogar com esse movimento não como arma a ser usada, às vezes até contra os próprios irmãos e irmãs. Ela vai receber o movimento como instrumento de fortalecimento físico, porque o corpo é um dos lugares que mais guarda as nossas questões traumáticas. E quando ele começa a dialogar também com esse corpo após o fortalecimento mental através da música o corpo fortalecido começa a transpirar os traumas, as energias negativas das violências que ele ou ela trazem, porventura, como marca. E a capoeira vai traduzindo essas dores e fazendo com que ele ou ela transpire todo aquele sentimento de tristeza, todo aquele sentimento de rejeição e vai substituí-los por um sentimento de pertencimento e de cooperativismo que ainda existe dentro dessas comunidades circulares que é essa capoeira comunitarista, que é a Capoeira de Angola.

E é essa capoeira que também vai construir nesses jovens uma memória, uma memória positiva e um reconhecimento dos valores de sua própria ancestralidade que é também uma relação de pertencimento e de valor. Já que vivemos em uma sociedade extremamente racista e as nossas ancestralidades nos foram negadas desde o nosso nascimento. Na capoeira não, a capoeira traz de volta o que nos foi retirado. E se eles começam a dialogar com essa ancestralidade através da capoeira dentro da escola, eles também levam para casa um maior respeito para

com seus avós, estejam vivos ou mortos, para com seus pais, com seus irmãos e irmãs, com seus primos.

O educador de capoeira precisa estar atento a todas essas questões. Muitas vezes, você vai encontrar um capoeirista “muito bom” de capoeira, mas que não tem condições para esse pensamento e esse diálogo, para ser um educador. Assim como, nem sempre um professor doutor vai ter uma caneta na mão e vai escrever com letras bonitas ou com letras que possam ser por nós entendidas; haja vista que para uma simples receita médica você, apesar de ser o mais interessado, precisa ser especialista para entender o que está escrito naquela receita. E ela foi escrita por um doutor! E já vai ter outro doutor que escreve melhor ou te explica o que ele está receitando para você com cuidado. Sim, também acontece com o educador de capoeira que pode saber muito, mas não saber comunicar. Por isso, é necessário que o educador de capoeira se prepare, por isso foi necessário que o Instituto Cultural Bantu criasse o curso de capacitação “Ginga Sócioeducativa” para a formação e a capacitação de capoeiristas/educadores para que o educador saiba, por exemplo, que quando as crianças estão com dificuldade, não significa que ela é limitada ou preguiçosa; muitos fatores importantes podem estar interferindo naquele processo de aprendizagem. Essa criança pode ter, muitas vezes, um histórico de relacionamento familiar difícil, ela tem um histórico ancestral muito traumático, como o nosso, como o meu e como o seu. E a partir do conhecimento das necessidades coletivas e individuais de cada jovem que a Capoeira de Angola acontece. E é essa relação socioeducativa e psicossocial que a gente tem trabalhado no Instituto dentro dessa temática da capoeira nas escolas.

Imagem 1: O Instituto Cultural Bantu se localiza no loteamento Paraguaçu, em Mar Grande, Ilha de Vera Cruz, na Bahia, onde Mestre Roxinho atende jovens e crianças da comunidade gratuitamente.



Fonte: Autor.

ENTREVISTADORA FLÁVIA DORNELES: Um dos Mestres mais importantes da história da capoeira no Brasil é o Mestre Pastinha (1889-1981)⁸ que revelou ter aprendido a capoeira com um velho africano quando tinha apenas 10. O ancião lhe ajudou a enfrentar um menino fortão de quem sempre apanhava na rua e com um único golpe o menino o passou a respeitá-lo e

⁸ Vicente Ferreira Pastinha (Salvador, 5 de abril de 1889 — Salvador, 13 de novembro de 1981), foi um dos principais mestres de Capoeira da história. Revista de História da Biblioteca Nacional, Ano 3, Nº 30, março 2008.

passou até ser seu amigo.⁹ Ou seja, a diáspora fez que um conjunto de práticas e saberes genuinamente africanos fosse transmitido de geração e geração e, mais tarde, condicionados à iniciação. Então, o que há de brasileiro na capoeira? Mestre Touro, em entrevista ao jornal O Globo no ano de 1989 chegou a afirmar: “a capoeira é uma forma de entrar em comunhão com Deus, Olorum. Quando a gente está na roda é como se não houvesse mais nada ao nosso redor, apenas o universo. Há uma interação muito grande entre nós e a consciência cósmica”. Nesse sentido, Mestre, é possível uma capoeira desvinculada da espiritualidade africana?

ENTREVISTADO MESTRE ROXINHO (MR): Aqui atrás de mim, no meu pano de fundo, você consegue ver máscaras africanas, correto? E por que tenho máscaras africanas? As máscaras são para mim uma ponte para minha relação espiritual com os meus ancestrais. E assim é para mim também a capoeira. A Capoeira de Angola é espiritualidade feminina viva. E se movimenta em mim totalmente conectada, em primeiro lugar, com a África e em segundo lugar com os povos originários aqui no Brasil. Então, como diáspora africana brasileira, nós vivemos na capoeira duas espiritualidades: a dos povos africanos e a dos povos originários. Essas duas espiritualidades são inerentes a capoeira. E isso podemos observar através dos instrumentos, da linguagem corporal, da musicalidade, da circularidade... A minha força física quase não existe jogando capoeira. Eu sempre peço, e me preparo para isso, que a minha força espiritual seja dona dos meus movimentos no jogo. E isso se faz através da musicalidade. Um exemplo ancestral desse poder da musicalidade com relação a força que precisamos são as nossas mais velhas, as lavadeiras, as mulheres lavadeiras trabalhavam na beira dos riachos cantando para conseguir superar o calor e cansaço; e isso só se consegue cantando porque a força física se esgota e não te garante mais... então, quando você canta você emana a espiritualidade e ao exaltá-la, ela se fortalece e te oferece resistência, você se fortalece duplamente, espiritualmente e fisicamente e só assim consegue seguir. Também utilizavam essa técnica os trabalhadores rurais africanos. Observem que entre os povos originários, tudo o que se faz é cantando; na África também. O canto é uma linha de conexão direta com a nossa ancestralidade. Eu não comungo com essa ideia de capoeira brasileira porque os povos que construíram esse país e fazem que este país esteja ainda de pé em virtude da sua força física e espiritual são foram os povos africanos e os povos originários. Vou fazer um canto aqui: Por cima do mar eu vim. Por cima do mar eu vou voltar. Por cima do mar eu vou pra Angola. Para o outro lado de lá. Então, a capoeira, por si só já é uma espiritualidade e quando um capoeirista ou uma capoeirista compreende sua verdadeira relação com a capoeira, quando a vivencia de forma plena, a conexão espiritual se faz necessária para horizontalizar as forças, as energias que regem o jogo, e tudo isso em conexão com a música.

ENTREVISTADORA FLÁVIA DORNELES: Mestre, sabemos que seus projetos de difusão e preservação desse saber ancestral chegaram a diversos países fora do Brasil. Os australianos utilizam sua metodologia em 21 escolas no estado de Nova Galês. Seu método também está em cinco centros de proteção e bem-estar do menor, na cidade de Manila, nas Filipinas. Como a Capoeira de Angola é recebida fora do Brasil sendo ela uma manifestação cultural de resistência negra em um contexto tão específico?

ENTREVISTADO MESTRE ROXINHO (MR): Primeiro dizer o seguinte: como falei anteriormente, a Capoeira de Angola é uma prática de resistência dos povos africanos e sua diáspora no Brasil, então assim: “Hoje tem, Amanhã não” “Aonde eu for eu levo ela”, mas levo com cuidado, Levo

⁹ Em depoimento prestado no ano de 1967, arquivo do 'Museu da Imagem e do Som'.

e cuidado para que ela permaneça sendo essa prática de resistência aqui e fora daqui. E como eu dialogo com isso? Dialogo com isso, entendendo, e é preciso entender, que quando você ensina essa prática para uma pessoa branca ou de outra cultura, você também ensina o lugar de fala dessa pessoa a partir da inserção dela nessa prática. E esse cuidado eu tenho. O Instituto Bantu na Austrália trabalha especificamente com jovens refugiados. Refugiados africanos, em sua maioria (especialmente da República Democrática do Congo, neste momento), iraquianos, refugiados filipinos e de outros países em guerra na África e no Oriente Médio. Também fundei uma escola que trabalha com adultos, a Escola de Capoeira de Angola Mato Rasteiro - ECAMAR onde tenho alunos de outras nacionalidades brancos. E o que eu ensino para eles é que essa prática é uma prática do nosso povo e que eles podem, sim, aprender e praticar, mas da forma que ela é, na linguagem que ela tem. E um dos pontos importantes que eu sinalizo é que mesmo o português sendo a língua do colonizador, ela é a língua que nos serve como ponte, é a língua que temos para dialogar. Eu ensino capoeira em português em países de língua inglesa. Porque quero que ele entenda que apesar da língua verbal do colonizador a linguagem mais importante é a linguagem corporal africana. O meu corpo fala a língua da minha descendência a partir da luta de resistência dos povos africanos no Brasil e no mundo. Isso é muito importante ser dito. Então, muitas vezes, quando eles procuram a capoeira, eles procuram porque acham a expressão bonita do corpo daquela capoeira mais folclorizada etc, mas quando eles percebem esse meu olhar, o olhar da Capoeira de Angola, alguns, quando não encontram aquela capoeira folclorizada, saem e procuram outras coisas, procuram se alimentar de outras comidas que é a comida que eles gostam e as pessoas são livres para isso. Contudo, se ficam, precisam acolher e respeitar esse conhecimento como prática de resistência afro-brasileira e não de outra realidade. Precisam aprender o valor da prática por sua existência e resistência. E tudo isso se aprende a partir da musicalidade, dos instrumentos que nos oferece o contexto histórico e geográfico. Essa é a grande responsabilidade do Mestre, do educador. Não é porque eu estou na Austrália que eu vou ensinar uma capoeira que seja mais agradável para eles. O lugar de fala é nosso. É nosso. Eles podem participar, podem contribuir, podem aprender, podem aprender a dialogar com essa prática, mas a transformação dessa prática só pode acontecer a partir de nosso povo e dos mais velhos. E essa visão é a que eu tenho construído e que vou continuar a construir porque é isso que eu acredito: a capoeira é espiritual, ancestral e luta de resistência. E nesse pensamento de luta de resistência nós podemos, sim, construir um mundo completamente diferente, um mundo mais humanizado. E foi por isso que a capoeira foi parar lá fora também, para capacitar pessoas e fortalecer pessoas a partir do conhecimento *afrocentrado* e construído pela memória dos nossos mais velhos, pelo corpo e pela música. Sobre essa reverência e valorização dos nossos mais velhos eu posso dizer assim: Sai, sai, Catarina. Sai do mar, venha ver Idalina. Sai, sai, Catarina. Sai do mar venha ver, venha ver. (canto, voz e berimbau).

Então, veja bem, eu acabo de cantar um canto que Mestre Paulo do Anjos gostava muito de fazer, ele cantava esse canto toda vez que chegava na roda de capoeira. E a partir do momento em que eu canto essa música, eu trago a memória do Mestre Paulo do Anjos novamente, já que ele hoje é nosso ancestral. E trago a memória de todos os ensinamentos dele. Essa é a relação que se estabelece com os mais velhos vivos e com os mais velhos mortos no princípio da memória que é a base do conhecimento a ser transmitido. O que eu ensino não é algo meu, é algo que eu aprendi com Mestre Virgílio. Eu represento a presença desse mais velho, eu mantenho a memória dele viva. Essa é a responsabilidade. Quando canto Mestre Paulo do Anjos eu mantenho sua memória também. E todo esse entendimento é fundamental para a prática de uma capoeira responsável.



Mapa Mental¹⁰

PALAVRAS FINAIS DO MESTRE ROXINHO (MR): Gostaria de aproveitar para agradecer a todos e todas que estão nos assistindo nessa live e, em especial, aos grandes Mestres e Mestras da Capoeira de Angola aqui presentes, a saber: Mestre Pedro Peu, Mestra Gegê, Mestre Marrom, Mestre Apache do RJ, grandes baluartes da Capoeira de Angola e que trazem trabalhos fantásticos de preservação e divulgação desse nosso patrimônio. Também a minha filha mais velha Brenda Iris. Agradecimentos a UNIOESTE de Foz de Iguaçu por esse evento importante e a você, Flávia, pela gentileza do convite e desse nosso diálogo.

Também gostaria de encerrar com um provérbio que diz assim: “Enquanto os leões não começarem a contar suas histórias, os caçadores continuarão sendo delas os protagonistas”. Eu acho que é isso: a gente precisa passar a contar nossas histórias. Não permitir mais que os caçadores contem nossas histórias do jeito que eles bem querem. E digo isso porque precisamos parar de lutar para sobreviver, a gente precisa viver. E viver é pensar no comunitarismo, no cooperativismo e a partir das práticas afro-diaspóricas. A capoeira, o jongo, o samba de roda... são práticas de formação de uma comunidade, de uma teia que nos fortalece

¹⁰ Mapa Mental elaborado por alunos do Projeto Bantu durante a entrevista.

e nos ajudam a enfrentar essa sociedade racista e eurocêntrica. Precisamos viver! E que seja com um olhar de valorização da nossa cultura, do nosso povo, das nossas práticas... Isso, sim, nos fortalecerá para que lutemos por uma sociedade mais justa, mais equilibrada e mais sustentável. Convido a todas e todos a me seguir nessa jornada que tem me feito muito bem. Tem me alimentado, tem me fortalecido, tem me feito bem. Contudo, se mais pessoas seguirem jornadas como essas a gente consegue transformar essa sociedade. Vamos nos alimentar com os produtos da nossa horta orgânica e deixar de ir ao McDonald. Vamos olhar e cuidar dos nossos quintais. Esse é um processo de aprendizado para melhor compreensão da nossa vida. Gratidão.

REFERÊNCIAS

- SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Meu Tempo é Agora**. 2a Edição. Edição: Oscar Dourado. Vol. 1. 1 vols. Salvador, BA: Assembleia Legislativa da Bahia, 2010.
- CAMPOS, Vera Felicidade de Almeida. **Mãe Stella de Oxóssi**: perfil de uma liderança religiosa. 1a edição. Vol. 1. 1 vols. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor Ltda, 2003.
- JOAQUIM, Maria Salete. **O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra**. Vol. 1. 1 vols. Pallas Editora, 2001.

Recebido em 28-09-2022
Revisões requeridas em 04-11-2022
Aceito em 04-03-2023